



N.º 87 - LISBOA, 8. DE SETEMBRO

2.º ANO 1934

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Sedação e administração — RUA DO CREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 13000 rs. | Brazil, anno 32 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 6500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros... 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDEIRO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

32, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

NO BUSSACO



MANOBRAS D'OUTOMNO

— Sim, Senhor. A tua infantaria muito bem...
— Não, Major. É cavallaria...

A Barca

Depois da temporada das thermas, eis aqui a temporada das praias, e mais uma vez nós somos levados para com esta, como para tantas outras coisas do tempo presente, a lançar uma vista d'olhos retrospectiva ao passado e a reflectir com um mixto de surpresa e saudade, nas consideráveis transformações por que passaram os costumes.

Antigamente, Lisboa não veraneava. O habito de fazer curas, ir para o campo e para as praias é todo moderno. Os banhos thermaes tomavam-se nas Alcaçarias, ao Terreiro do Trigo. A's Caldas só iam verdadeiramente os desenganados da sciencia e então não iam como hoje, em ranchos festivos: iam de maca, já tão tolhidos que era um dó vel-os embarcar em Santa Apollonia, n'uma caruagem de segunda classe, com um bonnet de seda enterrado até ás orelhas e um sacco de retalhos a reben-tar de roupa branca.

Os banhos de mar, por sua vez, não distrahiam a população para fóra de Lisboa. Com excepção da côrte e de alguns privilegiados, Lisboa banhava-se em frente do Caes de Sodré—na Barca.

A barca desapareceu, como desapareceram tantas coisas do passado, mas teve a sua época, foi necessaria, foi benefica. Duas barcas disputavam nos tempos remotos a que nos estamos referindo os suffragios da cidade — a *Deusa dos Mares* e a *Flôr do Tejo*. Eram ambas famosas e ambas tinham uma clientella numerosa; mas a *Deusa dos Mares*, não sabemos por que superstição publica, era especialmente preferida pelo publico banhista. Pela manhã, muito cedo,—era este o costume — as pessoas a quem os banhos do mar tinham sido recommendados pelo medico,— porque então Lisboa só se banhava, quando a medicina lhe receitava banhos,—mettiam um lençol de algodão dentro de um sacco de oleado, que tinha a forma cylindrica e se vendia nas lojas da rua Augusta, e atravessavam a cidade ainda deserta, caminho do Terreiro do Paço. A aurora com os seus dedos côr de rosa, como então se dizia, assomava ás portas do Oriente. No Caes das Columnas os barqueiros da *Deusa dos Mares* e da *Flôr do Tejo* enchiam o ar fino e macio com uma gritaria ensurdecadora. Era n'aquelle local e áquella hora que as duas barcas rivaes disputavam a sua clientella. O banhista adventicio, sem freguez ainda, hesitava. Os barqueiros da *Deusa* puchavam-n'o por uma ponta do casaco, os barqueiros da *Flôr*, por

outra; mas geralmente Lisboa estava afreguezada,— tinha a sua barca. De pé, nas lages molhadas do caes, os barqueiros esperavam já os seus clientes certos de muitos annos; viam-n'os desembocar da rua do Ouro ou da rua Augusta, com o sacco de oleado a tiracolo, e reconheciam-n'os de longe, acenavam-lhes largamente com o braço para que se aviassem. Quando as canoas se enchiam, largavam para a barca e no caminho, sobre o Tejo dourado pelas primeiras castas claridades do sol, cruzavam-se com as outras que já vinham de volta, cheias tambem a metter agua, com uma carrada de gente encolhida e friorenta.

Na barca esperava-se a vez.

Mas o que era a barca?

A barca não tinha, como o poderão imaginar aquelles que não contemplaram esses documentos da vida passada, a configuração de um navio. Não tinha uma amurada, não tinha mastros, não tinha um convez, não tinha pôpa, ou prôa. Não era em rigor uma barca, ou um pontão: era um predio. Para a banda de Lisboa mostrava uma fachada de janellinhas pintadas a occa, a verde e a vermilhão; para a banda de Cacilhas mostrava outra. Dentro, havia um largo tanque, onde tomavam banho promiscuamente os que não desejavam, ou não podiam pagar um banho reservado. Era, no regimen da barca— a Geral. Dos dois lados, a bombordo e a estibordo, se assim nos podemos exprimir, abriam innumeraveis portas. Eram os banhos reservados. A cada porta correspondia uma *cabine*; a cada *cabine*, um banho.

Como se tomava este banho?

Ah! as gerações felizes que succederam á barca conheceram já o alegre banho ao ar livre, na areia fina da praia! Conheceram o banho na natureza! Conheceram o banho no regimen tonico da liberdade!

O banho na barca era o regimen cellular do banho. Tomar um banho na barca, ou tomar um banho na Penitenciaría era absolutamente a mesma coisa.

O banhista que se munia de um bilhete de banho reservado e fechava sobre si a porta do local em que ia banhar-se, ficava privado da luz. Encontrava-se n'um acanhado espaço de taboas, despia-se ás escuras e descia receioso e ás apalpadellas por uma escada estreita e vacillante, ao fundo da qual uma mancha escura e gordurosa movendo-se, era a agua do seu banho. Poucas pessoas tomavam pela primeira vez este banho, sem experimentarern todas as commoções do medo.

Chegado ao fim da escada, o banhista lançava mão de uma corda que pendia do tecto da barraca e que parecia ter sido posta ali para que elle se enforcasse, e, segurando se angus-

tiadamente, deixava-se cair na agua negra e mysteriosa. Mas os seus pés tocavam um fundo frio e limoso de taboas e o banhista ficava com agua pelos sovacos, a escorrer e a repôr-se. Cercava-o uma grade de madeira, que o isolava dos reservados contiguos e, ao mesmo tempo, o punha em contacto com o rio. Baixando-se então um pouco, via n'uma cinta de luz o rio a balouçar, todo palhetado de ouro e uma ou outra véla airosa passando tombada no favor do vento. Impossivel executar outro movimento que não fosse o de mergulhar e voltar acima. Impossivel nadar. Impossivel debater-se, espadanar a agua, brincar com esse elemento tão luminoso e leve. A agua da barca era pesada e escura, como uma agua de poço.

Ao lado, ás vezes, ouviavam-se gargalhadas, ou creanças berrando como possessos. Eram os visinhos de banho. Só, mettido na sua cisterna, com agua pelo peito, o banhista escutava estes ruidos como um prisioneiro na sua cella, trepava pesadamente até ao lençol, vestia-se ás apalpadellas e só respirava quando abria a porta da sua prisão, se encontrava cá em cima no convez da barca, sob o ceu azul, ao ar livre.

Assim se tomava banho antigamente em Lisboa. Quem não tomava banho na barca, tomava-o em Pedrouços, que ficava fóra de portas. Era já um luxo. Para Pedrouços só ia a burguezia rica. Para Cascaes, então, que ficava no fim do mundo — só o rei. Nas outras praias do paiz, na Nazareth, em Espinho, na Figueira, em Ancora, tomavam banho os habitantes da região, vestidos de preto — e em braços.

JOÃO RIMANSO.



Para que serve o latim?

Como se sabe, o latim tem sido ultimamente objecto de algumas re- criminações, falando-se mesmo em fazel-o desaparecer do ensino.

Allega-se naturalmente que o latim é uma lingua morta, de uma utilidade muito restricta e cujo ensino laborioso toma o tempo que poderia ser applicado com mais proveito ao conhecimento de qualquer das linguas modernas, mais necessarias á vida da intelligencia.

Logo, porém, sobrevieram os defensores do latim e um opusculo appareceu com este titulo, que anda muito annunciado nos jornaes: — *Para que serve o latim?*

Nós não sabemos o que o auctor d'esta publicação responde a si mesmo.

Por nós, o latim serve, mas continua a ter uma utilidade restricta. — Serve para dizer missas.

AS MANOBRAS

As manobras realisaram-se com um exito excellente, correndo tudo bem, salvo quando foi necessario estabelecer sobre um rio uma ponte, a qual não chegou a ser construida, por se virarem—dizem os jornaes—duas viaturas. Este precalço não impediu, porém, que as manobras seguissem o seu curso regular. As tropas que deviam passar pela ponte em questão, passaram por outra, de pedra, que havia felizmente a distancia, e dizemos *felizmente*, porque, em outro caso, não teriam passado.

Não importa!—Tudo correu bem. Os correspondentes dos jornaes no theatro das operações, esses, estão absolutamente entusiasmados. Mas eis justamente aqui o quer que seja que nós não comprehendemos. Diz, com effeito, um d'elles:

«O nosso soldado que é e ha de ser sempre o melhor dos soldados do mundo, merece uma referencia especial, pela sua disciplina, pela sua boavontade e pelo seu valor».

Nós não queremos naturalmente desmerecer do nosso soldado e das suas aptidões para a guerra. Tão sómente não comprehendemos como pôde elle nas recentes manobras dar provas não diremos já da sua disciplina e da sua boavontade, mas do seu valor guerreiro, como o assegura o correspondente em questão, visto não ter havido na realidade guerra, mas simples simulacro.

Se o nosso soldado estivesse n'este momento, por exemplo, não no Bussaco, mas na Mandchuria, a braços com os duzentos mil homens de Kuropatkine, ou com os duzentos mil de Kuroki, ainda comprehenderiamos que a affirmação do seu valor tivesse algum fundamento. Assim, não. Assim, o valor do nosso soldado, embora exista, é um valor que ainda não teve occasião de mostrar-se, a não ser, já se vê, que elle já se tenha mostrado pelo facto de não bater em retirada mesmo em frente de um inimigo imaginario.

* * *

As manobras revelaram-nos ao mesmo tempo um facto que completamente ignoravamos e vem a ser que o exercito em Portugal não pertencia á nação, mas aos generaes.

Com effeito conta outro correspondente, no local das manobras:

«Sua Magestade a Rainha, montada n'um cavallo irrequieto, dirigiu-se por diferentes vezes ao general, dizendo:

—A tua infantaria muito bem.

No fim da revista tambem El-Rei cumprimentou o general. A Rainha insistia:

—A tua infantaria bem.

Ao que o general Lencastre e Menezes respondeu:

—Todas as armas, minha senhora.

Mas Sua Magestade objectou:

—Todas sim; mas principalmente a tua infantaria.»

A insistencia de Sua Magestade a rainha dá-nos a entender que realmente aquillo a que nós chamavamos com um certo desvanecimento a nossa infantaria, é apenas a infantaria do sr. general Lencastre e Menezes.

O que é um pouco extranho é que sendo a infantaria do sr. Lencastre, nós paguemos o rancho.

**O sr. padre Senna Freitas**

e o «Terror»

O sr. padre Senna Freitas, ha tanto tempo silencioso, escreve de Queluz ao *Diario de Noticias*, sobre Petrarcha, e que diz elle?

Isto:

«Ao lado da fragilidade de Petrarcha, havia a patriua da consciencia, que quando era preciso o arrastava á esquadra do arrependimento».

Mas por onde demonio anda o sr. padre Senna Freitas, para empregar semilhante linguagem?

Querem ver que o sr. Senna Freitas, depois de ter estado ao serviço de Deus, passou a estar ao serviço do Juizo de Instrucção Criminal?

O facto é que se sua ex.^a pensa como um padre, escreve como um policia.

Não é o sr. padre Senna Freitas —Litterariamente— é o Terror.

**Manteiga artificial**

Uma commissão de moradores das ruas proximas da travessa da Rainha, no Porto, onde está estabelecida uma fabrica de manteiga artificial, pediram providencias ao governador civil d'aquella cidade contra a referida fabrica, que —dizem os jornaes— além de empregar productos nocivos, inquina já a agua dos poços visinhos com os seus despejos putridos.

Não sabemos o que será este novo tipo de manteiga artificial do Porto, mas pelo que mostra ser ao fabricar-se, calculamos o que será depois.

Segundo se deprehe de a reclamação a que nos referimos, não é verdadeiramente manteiga — é uma calamidade publica. Mas está escripto que o Estado deva conceder a sua protecção a todos os flagellos sociaes, quando elles tomem o nome de—Industria.

Veremos

A Russia, com grande pratica Na arte do pilha-tropheos, Aos céos se torna sympathica, Porque confia na tactica E mais na ajuda de Deus.

Deus não quer a guerra negra, Que deixa as mães em soluços E só ao diabo alegra... E punha excepção á regra Apadrinhando a dos Russos.

Os senhores *russosinhos*, Os da gigante nação, Foram os taes sujeitinhos Que ensabonaram os focinhos Ao grande Napoleão!...

E, p'los modos, os francezes, Onde a republica móra Ha muitos annos e mezes, Lamentam esses revezes Dos amiguinhos de agora!

Em tempos, que já lá vão, Eu sempre dizer ouvi Que os mazombos do Japão Em loiças metiam mão, E não passavam d'ahi.

Mas, hoje, quem leia ou oiça O que diz da imprensa o berro, Vê que o triumpho baloica... E que os taes homens da loiça Parecem *homens de ferro!*

Levando a espezteza a excesso, Fazendo juizos sérios, Olhando direito e avesso... Vemos n'elles o progresso De abarrotar cemiterios!

E concluimos, afinal, Que as raças amarellentas Subiram de modo tal... Que nem mesmo Portugal E' capaz de ir-lhes ás ventas!

A coisa está mui *bicuda*, Segundo na *Europa* lemos; Mas, se Deus lhe der ajuda, Apanha a Russia a *taluda!*... Em todo o caso veremos.

**Enfants terribles**

A princeza Luiza da Belgica, filha do rei Leopoldo, acaba de fugir do hospital de doidas em que a tinham internado.

Segundo parece, a unica coisa que depunha contra a sua razão era o facto de estar internada no referido hospital.

**O olho d'elle**

Vês o olho que ali vae Como a modo a lubrigar? E' olho que anda a espereitar Quando o ministerio cêe; Olho de quem quer ser pae Da nação cheia de enguço; Olho que já fez derrico Com a *menina vermelha*; E que, se lhe der na telha, Até namora um chouriço!

A maior surpresa dos tempos modernos



—Pois, madame Sada Yacco, muito nos conta!

A Batalha do Bussaco



O INIMIGO!!!

ATTENTADOS AO PUDOR

A idéa de sellar os lenços de sêda está absolutamente fóra de toda a previsão a mais phantasista.

No entanto foi isto o que lêmos ha dias nos jornaes. — Os lenços de sêda vão ser sellados.

Mas, meu Deus! Se isto é assim onde vamos nós parar e o que é que o Estado poupará á sua febre de tributação?

Por outro lado, como exercer fiscalisação efficaz sobre um artigo de consumo que, como o lenço de sêda, não pôde ser razoavelmente reclamado pelos agentes do fisco?

O lenço de sêda, como se sabe, traz-se á cabeça. Assim o usam habitualmente as mulheres, que o substituem ao chapéu; e tambem se traz ao pescoço. Assim o usam os homens, á saída dos espectaculos e afim de augmentar o interesse e o prestígio da sua *toilette*.

Como — perguntamos nós — como exercer fiscalisação sobre estes artigos de vestuario? E se a fiscalisação não vae ser exercida, como evitar a fraude, como defender os interesses do fisco e os do thesouro?

E' razoavel pedir a uma mulher — o lenço?

Só conhecemos uma situação em que constantemente se pede o lenço a uma mulher. — E' no *Othello*.

E ao homem, — como verificar á saída do theatro se o lenço de sêda que lhe envolve o pescoço pagou a sua contribuição ao fisco?

Mas não é tudo.

Se o Estado não hesita em sellar lenços de sêda, quem nos diz a nós que, na corrente d'estas ousadias, não irá até sellar os mais intimos objectos da *toilette* dos dois sexos? Tal a preocupação de *Max*, o vivaz gazetilhinho do *Primeiro de Janeiro*, do Porto, o qual receia já pelos — espartilhos, e sendo assim nós definimos desde já a acção do Estado. Diz-se frequentemente que estes novos onus são attentados á bolsa do contribuinte. Não são tal. São peor: são attentados ao pudor.

O Augusto

Fechou o restaurante Augusto e, no seu lugar, abriu um alfayate.

E' o que se chama — tirar á barriega.

Lisboa cada vez se veste melhor, mas em compensação cada vez come menos.

Um pouco de logica

Um jornal surprehende-se de que tenha havido furtos na cadeia do Limoeiro.

E', no entanto, onde elles estão naturalmente indicados.

Remedio santo

Telegrapham da Figueira da Foz:

«Consta-nos ter-se effectuado hoje aqui uma reunião composta de varios commerciantes e proprietarios, na sua maior parte cavalheiros filiados no partido regenerador, a fim de protestarem contra as recentes medidas policiaes postas em pratica n'esta cidade, medidas que bastante estão affectando a vida d'esta praia e que se sabe não abrangerem senão a Figueira. N'essa reunião, segundo ouvimos, ficou assente que, caso este estado de coisas se não modifique n'um curto prazo, todos os cavalheiros da politica regeneradora que assistiram á mesma reunião passarão para a politica do sr. João Franco.»

Diz-se que ao ter conhecimento d'esta resolução dos seus correligionarios da Figueira, o sr. Hintze Ribeiro telegraphara immediatamente para esta localidade:

«Medidas policiaes sem effeito».

Egualmente se diz que, depois de receberem esta communicação tranquillizadora, os correligionarios do sr. Hintze Ribeiro, na Figueira da Foz, se apressaram a responder por via igualmente telegraphica:

«Partido regenerador Figueira da Foz protesta seus sentimentos inalteravel fidelidade nobre chefe.»



Comezaina

Ultimas noticias do Bussaco:

«Os hoteis estão abarrotados.»

Outras:

«Segue muita gente para o terreno do combate com o seu competente farnel.»

Outras:

«Está tudo preparado para que a distribuição do rancho da tarde seja feito ás 3 horas a todas as tropas, nos seus respectivos bivaques.»

Finalmente:

«Chegou a Alcobaca o sr. infante D. Affonso. Hospedou-se no Hotel Gallinha.»

Hoteis abarrotados, farnel, rancho, gallinha...

Isto positivamente não são manobras. — Isto é uma empanzinadella.



Gravatas

Dizem os jornaes que o rei Eduardo lançou uma gravata vermelha.

Esteve com mais sorte do que o sr. Beirão, que a enguliu.
A da Colligação.

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Altas torres tem teu peito
Nas mais altas já me eu vi
Não se me dá que outrem suba
Escadas que eu já descí.

GLOSA

Esses que mostram jactancia
De azas ter para voar,
A esse teu peito chegar
Têm pretendido com ancia:
Têm empenhado constancia,
Que é d'amor velho preceito,
Têm feito vôo direito,
Rodeios têm procurado;
Mas seu trabalho é baldado,
Altas torres tem teu peito!

São torres, bellas de certo,
Onde arvora amor tropheu;
Quasi topetam no céu,
Vendo as estrellas de perto!...
Recordo que em dia incerto
O meu vôo desprendi...
E posso jurar aqui,
Santa verdade acatando,
Que, arrojado d'agua ensaiando,
Nas mais altas já me vi!

Já subi a tanta altura,
E a subida foi conquista,
Pois d'essas torres se avista
O supremo da ventura!...
Porém, quando a sorte é dura,
Esses que eleva derruba...
Mas como emboquei a tuba
Da gloria, em vôo tão forte,
Conformo-me com a sorte,
Não se me dá que outro suba!

Suba, rompendo esses ares
Como despedidas settas,
A'quellas torres dilectas
Onde Amor pôz luminas!...
Porém espere os azares.
Que, por lei fera, soffri...
Depois de se achar ahí
De puro goso exultando,
Terá que descer, chorando,
Escadas que eu já descí!

VENANCIO.



Os oculistas de Lisboa

A imprensa da manhã noticiou que os oculistas de Lisboa resolveram de commum accordo fechar os seus estabelecimentos todas as noites, ás nove horas.

Ora aqui está uma resolução que vae seguramente causar sérios trans-tornos — Onde encontrar d'aqui por diante, a partir das nove horas da noite — um oculo de vêr ao longe?

Até agora, para uma afflicção, sabia-se que o oculista estava aberto. Corria-se ao oculista. Tudo tinha remedio. Depois d'esta resolução, o que vae succeder?

O commercio é verdadeiramente descaroavel.



Uma velha fidalga, lá da Ajuda,
A mais bella das filhas quiz casar;
Mas cançou-se de a bailes a levar
Porque a sorte era negra e carrancuda...

Foi consultar a bruxa lá da Arruda,
Cujá fama já vae por além-mar,
Quiz saber o que havia de empregar
Para a pequena ter de estado muda.

A bruxa, que ás Medêas quasi eguala,
Poz no nariz os oculos de latão
E consultou mysterios da cabala;

E disse, erguendo ao ar mirrada mão:
—Sailta que nunca poderá casal-a
Se as joias lhe não der do *Mergulhão!*

Ouivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

PINTOR E RETRATISTA A CRAYON

ALFREDO TAVEIRA

com o curso completo de desenho da
ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES DE LISBOA
42, R. da Barroca, 44
PREÇOS MODICISSIMOS

Retratos a crayon em todos os tamanhos
e diversos preços, garantindo-se a seme-
lhança e o bom acabamento.

PINTURAS DE TABOLETAS

E TRABALHOS EM VIDRO

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telegraphico *Papeltypo*

PAPELARIA

TYPOGRAPHIA

Grande assortimento de pa-
peis nacionaes e estrangeiros,
objectos para desenhos e
todos os artigos precisos
nas escolas.

Trabalhos typographicos
em todos os generos.
Impressões a cores, ou-
ro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

**Companhia Real dos Caminhos
de Ferro Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

**SERVICO DOS ARMA-
ZENS—Fornecimento de
madeiras diversas.**

Desde 1 de setem. to de
1904 será posta em vigor a
nova tarifa especial interna
n.º 9 de grande velocidade.
—Bilhetes collectivos para
grupos de 12 ou m. is pas-
sageiros de 3.ª classe, em
todas as linhas d'esta Com-
panhia com excepção do
Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta com-
panha se pôde o publico con-
sultar e obter por compra
a referid. tarifa

Lisboa, 19 de agosto de
1904.

No dia 26 de setembro,
pela 1 hora da tarde, na es-
tação central de Lisboa (Ro-
cio), perante a commissão
executiva d'esta Com-
panhia, serão abertas as pro-
postas recebidas para o for-
necimento de madeiras di-
versas.

As condições estão pa-
teentes em Lisboa, na repa-
rição central dos armazens
(edifício da estação de San-
ta Apollonia) todos os dias
uteis, das 10 horas da ma-
nhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de
1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro sub-
director—Augusto Luciano de Carvalho.



Ouivesaria e Relojoaria

com officinas annexas
de fabricação e
reparação

FLORINDO

PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

COLLEÇÃO HORAS DE LEITURA

Publicação mensal em volumes formato 8.º (alguns illustrados)
de romances dos melhores auctores, a 200 réis o volume

Publicação economica, interessante e esmerada

OBRAS PUBLICADAS

- IVANHOÉ, celebre romance de Walter Scott, 4 volumes illustrados.
- O FRADE NEGRO, romance de Clemence Robert, 1 volume.
- AS SEMI-VIRGENS, romance de Marcel Prévost, 2 volumes illustrados (esgotado).
- WERTHER, romance de a nor, de Goethe, 1 volume illustrado.
- MADAME FLIRT, romance de Jacques Yvel, extrahido da peça com o mesmo titulo.
- A TABERNA (L'Assomoir), celebre romance de Emile Zola, 3 volumes.
- O VIGARIO DE WAKEFIELD, de Goldsmith, 1 volume.
- A VIDA AOS VINTE ANNOS, de Alexandre Dumas (filho).
- AGUA PROFUNDA, de Paul Bourget.
- O DOMINO AMARILLO, de Marcel Prévost.
- CORTEZA, romance, por A. Belot.
- O ROSQUEDO, romance de costumes do Minho, por Delphin Guimarães.

A sair em Outubro:

OS VAGABUNDOS, de M. Gorki.

Em publicação:

O PARAIZO DAS DAMAS, de Zola.

LIVRARIA EDITORA
GUIMARAES & C.ª
108, Rua de S. Roque, 108
LISBOA



CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

BANHOS

DAS afamadas aguas do Poço do Borratem, conheci-
da desde 1522 com grande exito nas molestias
de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas
de 10 banhos simples ou douches com 20 % de desconto
e de vapor com 40 %! Abre este antigo estabelecimento
ás 2 horas da manhã e fecha ás 6 da tar de.

4, Poço de Borratem, 1.º



RESTAURANT PARIS

JOSÉ FERNANDES

SERVEN-SE: Jantares de mesa

redonda a 600 réis

Serviço de lista a toda a hora

Pratos especiaes para ceias

Gabinetes de 1.º ordem

63, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67

2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA

Callista pedicuro

JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

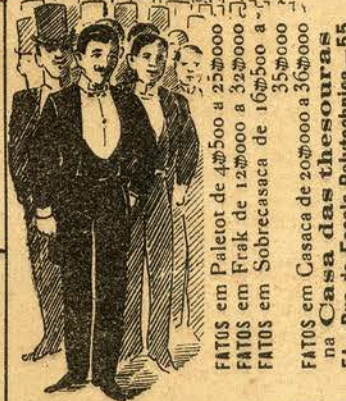
(Frente para o Chiado)

E desencravarão de unhas e

pelos mais moderno-proces-
sos até hoje conhecidos.

Ped-se ao publico que vi-
sita este consulto: lo para se
certificar dos verdadeiros mi-
lagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde



FATOS em Paletot de 40000 a 250000
FATOS em Frak de 120000 a 320000 a 1.º
FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000
FATOS em Casaca de 200000 a 360000

na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55



ORTHOPEDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS

e aparelhos orthopedicos

DE MANUEL MARTINS

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS

DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Caldas
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

THERMAS E PRAIAS



*Para jogar
tennis.*

TERRIVEL DILEMMA

(Depois do bridge)



*Para mostrar o
automóvel*



*Para descansar
da... mulher.*

— Olhe, meu amigo, vossê não passa d'um idiota...
— Então, diga-me lá? Eu sou seu amigo porque sou idiota, ou sou idiota porque sou seu amigo?



*Por conselho
do médico.*



*Para arránjar
um namódo.*

POR VARIAS RAZÕES